

O núcleo de audiovisual

“Eu queria aprender a filmar, e vim para cá [para a CUFA] e descobri um mundo que eu não conhecia. (...) Quando eu assisto a um filme agora é igual à escola, parece que você descobre outro mundo”.

(Aluno(a) do CAV 2008, em fala durante o grupo focal, realizado no dia 01/11/2008)

3.1.

O audiovisual como aliado do Terceiro Setor

Não é novidade que as expressões culturais urbanas atuais estão sendo forjadas “na passagem de uma cultura letrada para uma cultura audiovisual e midiática” (Freire Filho apud Herschmann e Galvão, 2008:207). Nos anos 1980, algumas pesquisas já demonstravam que o audiovisual – ou o “vídeo”, para usar um termo recorrente da época – era utilizado como veículo de expressão de movimentos populares: “ao lado do uso comercial e doméstico do vídeo têm sido desenvolvidos esforços no sentido de usar o vídeo para expressão individual e coletiva” (Roncagliolo apud Santoro, 1989:60).

Em seguida, a expansão das novas tecnologias¹ e a democratização do acesso ao aparato digital², em meados dos anos 1990, modificou substancialmente

¹ Atualmente, o processo de permanente desenvolvimento e diversificação das tecnologias contribui para a construção do que chamamos de “novas mídias”, ou “mídias livres”: “iniciativas que buscam se apropriar de ferramentas como a internet, os microcomputadores e os equipamentos portáteis e digitais para fazer a exposição da informação a partir de uma ótica diferente, a partir de um olhar alternativo que pretende romper com os conceitos da mídia audiovisual tradicional” (Moraes, 2008:08).

² Refiro-me ao progressivo barateamento dos equipamentos digitais, pois, como se sabe, o acesso aos aparatos de captação e edição foi, outrora, privilégio de iniciativas e grupos de alto poder aquisitivo. Atualmente, a ampliação desse acesso permite, inclusive, que iniciantes na área audiovisual (ou até mesmo os curiosos do assunto) gravem com câmeras digitais amadoras ou semiprofissionais, bem como com câmeras de foto digital e câmeras embutidas em celulares, e editem em ilhas de edição caseiras. Nesse sentido, o cotidiano das pessoas – sobretudo dos jovens,

as estratégias discursivas dos movimentos sociais (Gohn, 2000)³, contribuindo para que o suporte audiovisual, nos dias de hoje, configure-se enquanto a linguagem principal do terceiro setor (Yúdice, 2004). Neste cenário, a ampliação dos recursos tecnológicos e a crescente produção de conteúdos digitais desenvolvem-se como aliadas no processo de autorepresentação e autoafirmação, permitindo que grupos como o Núcleo de Audiovisual da CUFA, formado em sua grande maioria por moradores e/ou representantes de diversas favelas cariocas, tornem-se porta-vozes de si mesmos.

Explorando as articulações entre cultura e cidadania, a proposta dos próximos capítulos (3 e 4) é promover a interface entre o dito “movimento de cultura cidadã” e a atividade audiovisual oriunda das favelas e periferias, tendo como universo o Núcleo de Audiovisual da CUFA, na base da Cidade de Deus. Para tanto, é necessário lançar mão da descrição etnográfica do Núcleo, reconstruindo brevemente sua trajetória⁴, bem como demonstrar a interação entre o Curso de Audiovisual e a vertente de Produção Audiovisual. Em outras palavras, veremos a metodologia de “alfabetização audiovisual” desenvolvida pela CUFA, que além de outras coisas, diz respeito ao trânsito entre a sala de aula e o set de gravação.

Veremos também a parceria Audiovisual CUFA / ECO-UFRJ como uma iniciativa que amplia o princípio de “negociação da realidade” e o “campo de possibilidades” dos alunos, na medida em que traça uma ponte (de mão dupla) entre a ONG e a academia, donde o principal resultado é a troca de valores e metodologias.

mais comumente atraídos pelo segmento das novas tecnologias – nunca foi tão amplamente registrado.

³ Cf. GOHN, Maria da Glória (2000). *Mídia, Terceiro Setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

⁴ Em virtude da grande rotatividade do corpo de funcionários do Núcleo de Audiovisual da CUFA-CDD, nem todas as informações necessárias para reconstruir a trajetória do Núcleo, ainda que brevemente, foram encontradas.

3.2.

Notas sobre a trajetória do Núcleo de Audiovisual (CUFA-CDD)

Como vimos no capítulo 1, o primeiro Núcleo de Audiovisual da CUFA, localizado na base da Cidade de Deus, desenvolve suas atividades a partir de duas vertentes de atuação: através do Curso de Audiovisual e de uma agenda repleta de produções audiovisuais⁵. De acordo com Celso Athayde, o Núcleo de Audiovisual foi a “primeira ação efetiva” da ONG; ou como conta Priscilane Jerônimo, gerente administrativa da CUFA-CDD, foi o “primeiro projeto de impacto” da CUFA.

Em seu acervo de produções, o Núcleo conta atualmente com 48 peças audiovisuais: são curtas-metragens, vídeo-clipes e vídeos institucionais; sendo este último gênero dedicado à cobertura de diversos eventos da ONG, dentre os quais destaco a SEBAR (Seletiva Estadual de Basquete de Rua), a LIIBRA (Liga Internacional de Basquete de Rua), o Prêmio Hutúz (maior premiação de hip hop da América Latina) e o CineCufa (festival internacional de cinema realizado pela CUFA)⁶.

Dessa forma, as atividades da vertente de Produção Audiovisual do Núcleo encarregam-se do registro e arquivamento dos diferentes projetos desenvolvidos pela ONG⁷; e os alunos do Curso de Audiovisual, por sua vez, têm a oportunidade de colocar em prática os ensinamentos adquiridos em sala de aula. Como veremos ao longo deste capítulo, é justamente esse trânsito entre as duas vertentes que caracteriza a metodologia de “alfabetização audiovisual” desenvolvida pelo Núcleo de Audiovisual da CUFA; perfil este que, em certa medida, diferencia o

⁵ Para acompanhar a agenda de gravações dos Núcleos de Audiovisual da CUFA, acesse <http://agendadegravacoeseequipamentos.blogspot.com>

⁶ Ao entrarmos na sala do Núcleo de Audiovisual da CUFA-CDD, deparamo-nos com um enorme quadro em que todas as produções em andamento são distribuídas semanalmente, com as devidas observações de reservas de equipamentos. A equipe ocupa uma dentre as oito salas do segundo andar do prédio da Associação de Moradores (ou do Centro Cultural Cidade de Deus); em que os computadores destinados à equipe de produção ficam separados por uma divisória das quatro ilhas de edição.

⁷ O registro e arquivamento das ações da CUFA também atende ao propósito de contrapartida aos financiadores dos projetos; ou seja, o vídeo institucional produzido pelo Núcleo de Audiovisual é uma espécie de “prestação de contas” ao patrocinador, além de servir como material de divulgação do evento.

Curso de Audiovisual de outras oficinas audiovisuais promovidas por ONGs⁸. Neste sentido, foi “permeando toda a instituição” que, segundo Athayde, o Núcleo transformou-se numa das áreas de maior visibilidade da CUFA, ou, como destacou Nega Gizza, tornou-se “a vitrine de todos os trabalhos que a gente realiza”⁹. Exemplificando:

Quando a gente faz um evento de basquete de rua, que também tem uma grande visibilidade, o Audiovisual acaba fazendo parte dele porque acaba filmando e transformando isso num documentário (Athayde em depoimento ao programa Espelho do Canal Brasil, em 2008).

Patrícia Braga, atual coordenadora do Núcleo, explica que o corpo de funcionários vigente totaliza 20 pessoas que se distribuem entre as áreas de roteiro, produção, direção, fotografia e edição. A equipe é composta, em sua grande maioria, por alunos e ex-alunos do Curso de Audiovisual – isto é, pela mão-de-obra capacitada pelo próprio Núcleo – seja formal ou informalmente, já que muitos alunos e ex-alunos do Curso de Audiovisual tornam-se estagiários (ou até mesmo auxiliam em funções de funcionários do Núcleo) por conta própria¹⁰. Dito de outra forma, envolvem-se em diversas produções sem nenhum tipo de contratação formal e com o principal objetivo de adquirir experiência na área¹¹. Há ainda o caso de alunos que, ao se destacarem nas atividades do Curso, são convidados a participar de gravações e filmagens da vertente de Produção Audiovisual¹².

A gente tem um princípio de que aqui seja um Núcleo de formação. Então as

⁸ Venho percebendo que a maioria dos grupos vinculados a ONGs, que trabalham com a “alfabetização audiovisual”, restringem-se à produção de peças cinematográficas e não estão, necessariamente, integrados aos demais segmentos da organização.

⁹ Em discurso durante a Cerimônia de Encerramento do Curso de Audiovisual 2008.

¹⁰ Um monitor para o Curso de Audiovisual também faz parte da equipe do Núcleo, que seguindo a mesma metodologia, pode ser um aluno ou ex-aluno do CAV. Ao longo de 2008, o CAV teve três monitores diferentes; mais um indício da alta rotatividade da equipe.

¹¹ Exceto o caso desses alunos que trabalham voluntariamente, toda a equipe do Núcleo de Audiovisual é remunerada. Aproveito para esclarecer que essa situação se repete na CUFA-CDD como um todo, ou seja, a base conta com uma parcela muito reduzida de voluntariado. A equipe social e os instrutores das oficinas descritas na introdução da dissertação, por exemplo, são todos remunerados; ao contrário dos professores do CAV.

¹² No anexo 5, o leitor poderá encontrar um exemplo em que os alunos do CAV são escalados para participar da cobertura de um evento, no caso, a SEBAR 2008.

peças entram, se formam, são preparadas e algumas saem e outras continuam. (...) Muitas saem para produtoras... Mas muitas saem para a própria CUFA. Não é um Núcleo, digamos, que tenha um objetivo mais comercial, não, é diferente (Patrícia Braga em conversa com a autora no dia 09/07/08, grifos meus).

As pessoas que, hoje, trabalham no Núcleo de Audiovisual, vieram todas do Curso; que chegaram a um determinado nível de aprendizagem que já podiam começar a praticar. Na prática, elas vão aperfeiçoando até que cheguem num nível em que vão ser absorvidas, naturalmente, pelo mercado. Tanto que o Núcleo do início do ano já está todo no mercado¹³. Tem gente na TV Zero, tem gente na Urca Filmes¹⁴. (...) Tem muitos jovens, que entram, aprendem a fazer aquilo ali, e vão embora buscar condições profissionais. Então, com isso, eu vejo a CUFA como um grande lugar de passagem (Patrícia Braga em entrevista concedida à autora, no dia 11/10/2008, grifos meus).

No acervo de equipamentos do Núcleo, encontram-se duas câmeras digitais e quatro ilhas de edição digital, além de aparelhos de captação de som (microfones) e de iluminação¹⁵; dessa forma, as produções audiovisuais do Núcleo restringem-se ao formato digital de captação e finalização¹⁶.

No que diz respeito ao Curso de Audiovisual, segundo Anderson Quak¹⁷ (ex-coordenador do Núcleo) e Patrícia Braga, o “horizonte se abriu” a partir da visita do cineasta Carlos Diegues (ou Cacá Diegues, como é conhecido no meio cinematográfico) ao Fórum Permanente da CUFA¹⁸, em 2001, para realizar um debate sobre o Cinema Novo.

O Cacá foi a pessoa que deu origem a esse Curso, que botou na cabeça das

¹³ No capítulo 4, a questão do mercado de trabalho será problematizada.

¹⁴ TV Zero (cf. <http://www.tvzero.com/>) e Urca Filmes (cf. <http://www.urcafilmes.com.br/>) são produtoras de cinema e televisão conhecidas no meio audiovisual.

¹⁵ De acordo com Anderson Quak e Patrícia Braga, esse acervo de equipamentos foi comprado, inicialmente, com a verba adquirida com os prêmios recebidos pelo documentário *Falcão – Meninos do Tráfico*; em especial, o Prêmio Internacional de Jornalismo “Rei da Espanha”, na categoria TV.

¹⁶ Um filme pode ser captado e finalizado tanto em formato digital (vídeo), quanto em película (cinema), sendo que, no primeiro caso, uma produção audiovisual torna-se infinitamente mais barata. No entanto, é importante destacar que não é o suporte de captação e finalização que determina se uma peça audiovisual é cinema, mas a sua linguagem. Digo isto porque, em tempos de “novas mídias”, um filme de alto valor cinematográfico pode ser feito até com uma câmera de celular.

¹⁷ Anderson Quak foi aluno, monitor e, em seguida, coordenador do Núcleo de Audiovisual da CUFA; entre 2003 e 2004, quando era em Madureira, e depois entre 2005 e 2006, já na Cidade de Deus.

¹⁸ Além, é claro, do fato de que, nesta época, a gravação do documentário *Falcão – Meninos do Tráfico* já encontrava-se em processo e o vídeo-clipe *Soldado do Morro* já havia sido concluído.

peças que começaram o audiovisual, que deveria ter um [Núcleo de] Audiovisual na CUFA. Realmente ele que começou essa mobilização. (...) Então, qualquer coisa que a gente precise, ele está lá reafirmando, de verdade. (...) Ele realmente vem como que pra dizer: “eu sou o Cacá Diegues, eu apóio o Audiovisual da CUFA, eu estou aqui, e as pessoas têm que se mobilizar e vir para cá também” (Patrícia Braga, *idem*, grifos meus).

A partir daí, o cineasta e (ex-) militante político recebeu o estatuto de padrinho do Curso de Audiovisual da CUFA, posição amplamente reforçada pelos membros da ONG. Numa comparação com o batismo religioso, Roberto DaMatta (1986:113) define o padrinho como a figura que permite a penetração do apadrinhado “no cerne da vida social” e, ainda, como o mediador responsável pelo reforço das obrigações do mesmo “enquanto ser social”¹⁹.

Naquele mesmo ano, o “pequeno grupo interessado” em ampliar seus conhecimentos sobre cinema – que ao todo totalizava 25 pessoas – passou a se reunir, uma vez por semana, na favela Cinco Bocas, sob o comando de Miguel Vassy, diretor de fotografia e membro da equipe do filme *Falcão – Meninos do Tráfico*, primeira produção audiovisual do Núcleo. Cacá Diegues, por sua vez, encarregou-se de intermediar a relação da CUFA com vários profissionais da área cultural para que fosse marcada uma primeira reunião. Nesse primeiro encontro, o grupo composto pelos “consultores” Rafael Dragaud²⁰, Ivana Bentes²¹, José Carlos Avellar²², Adriana Rattes²³, dentre outros, e os membros do Núcleo de Audiovisual em formação – dentre os quais destaco Anderson Quak, Rodrigo Felha²⁴, Nega Gizza e, é claro, Celso Athayde e MV Bill –, teve como objetivo

¹⁹ Para Hollanda e Strozenberg (s/d:10), o padrinho é um exemplo do que, no dialeto hip hop, é chamado de “brodagem” ou “*acting as a brother*”: “*a new form of political participation (...) centered in the logic of solidarity action*” por parte dos artistas e intelectuais das classes médias.

²⁰ Lembrando que Rafael Dragaud é também sócio-fundador do CAV; além de professor de roteiro.

²¹ Nesta época, Ivana Bentes atuava apenas como professora do Curso de Audiovisual; além de “consultora da CUFA”, como costuma chamar.

²² José Carlos Avellar é crítico, ensaísta e professor de cinema, além de consultor e curador de diversos festivais de filmes nacionais e internacionais. Para visualizar o seu perfil completo (difícil de resumir em virtude da quantidade de atividades que exerceu no meio cinematográfico), ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Carlos_Avellar.

²³ Atual Secretária de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Adriana Rattes foi uma das fundadoras do Grupo Estação (uma das mais conceituadas redes de salas de exibição de cinema) e uma das organizadoras do Festival do Rio (um dos eventos cinematográficos mais importantes da América Latina).

²⁴ Rodrigo Felha foi aluno do CAV e membro da equipe de *Falcão – Meninos do Tráfico*; também o considero, portanto, um “produto do Núcleo”. Atualmente, além de câmera, Felha atua como diretor de cinema.

principal estruturar o Curso de Audiovisual da CUFA. Assim, além de questões práticas, foram discutidas as propostas das disciplinas e a bibliografia que serviria de referência ao Curso. Anualmente, alguns desses “colaboradores” são novamente convocados para que melhorias ao Curso sejam discutidas.

No ano de 2002, as reuniões entre os membros do Núcleo passaram a acontecer no segundo andar do escritório da CUFA em Madureira. Já no ano seguinte, o grupo realizou quatro vídeo-clipes: *Ataque Verbal*, do extinto grupo de hip hop Baixada Brothers²⁵; *Dita*, de Delano²⁶, *Depressão*, de Nega Gizza²⁷; e *Três da Madrugada*, de MV Bill²⁸.

Em 2004, o Curso de Audiovisual – então apelidado de CAV – teve a sua aula inaugural com Cacá Diegues, numa “sala emprestada” em Madureira. Nesse ano, outros cineastas ministraram aulas ao grupo – tais como Joel Zito, João Moreira Salles, Eduardo Coutinho e Sílvio Tendler – e alguns alunos foram selecionados para a primeira de muitas seleções de estágio que a produtora Luz Mágica, de Cacá Diegues, disponibilizaria ao Núcleo. Ao final do ano, os alunos realizaram mais uma produção: o curta-metragem *O Segredo*.

No ano de 2005, dessa vez com uma turma de 96 alunos, o Núcleo de Audiovisual mudou-se para a CUFA Cidade de Deus. Nesse ano, quatro alunos foram selecionados para estagiar no filme de Cacá Diegues, *O Maior Amor do Mundo* e, ao final do ano letivo, mais seis produções foram realizadas pelo grupo: uma delas em co-produção com o Canal Brasil, chamada *Arroz com Feijão*, e outra em homenagem ao padrinho, Cacá Diegues, em forma de documentário. Vale observar que ao longo dessa trajetória, produções audiovisuais foram realizadas em função do CAV – como Projetos Finais de Curso e, inclusive, como uma das contrapartidas que a ONG deve prestar ao financiador do projeto²⁹ –, e outras são iniciativas que independem do Curso, mas que podem contar com alunos e ex-alunos na equipe (constituindo-se como mais uma característica que compõe a metodologia do Núcleo).

²⁵ Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=n3ftxWkITrU>.

²⁶ Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=OaqmKYZ1t1I>.

²⁷ Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=j3XxzYIYjmQ>.

²⁸ Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=Vg1S6KybOO4&feature=related>.

²⁹ Exemplo de que, quando trata-se de projetos financiados por outras instituições, o ativismo pode ceder lugar à administração burocrática (Yúdice, 2004:114).

Criado aos “trancos e barrancos” e sendo ainda um “projeto-piloto”, segundo Ivana Bentes – ou visto desde o início como um “projeto de guerrilha”, nas palavras de Anderson Quak³⁰ –, o CAV depende de financiamentos que podem ser renovados anualmente e, portanto, tem sua sustentabilidade ameaçada ano após ano.

O Núcleo não tem patrocínio nenhum. O patrocínio é para o Curso. E [para] cada Curso [cada edição] é um patrocínio diferente, então o Curso só acontece se tiver patrocínio. É esse patrocínio que vai regular, mais ou menos, como o Curso vai funcionar. Se a gente achar um patrocinador que só queira que o curso atinja até jovens de 16 a 20 anos, a gente vai ter que atingir jovens de 16 a 20 anos; se o patrocinador for mais aberto, como era a Petrobrás, que não limitava idade, por exemplo, a gente vai poder abrir a idade. Então, é o patrocinador que meio que impõe algumas condições nesse sentido (Patrícia Braga, idem, grifos meus).

A partir de 2007, o CAV passou a contar com uma proposta de parceria com a Escola de Comunicação da UFRJ: a idéia, desenvolvida por Ivana Bentes, era transformar o CAV num Curso de Extensão da Escola³¹. Vale a pena observar que o que impulsionou a consolidação da parceria CUFA/ ECO-UFRJ, muito embora a proposta já existisse desde o início do Curso, foi justamente a crise financeiro-administrativa que o Curso enfrentava naquele ano. A autora da parceria explica que, com a crescente expansão da CUFA, a cada ano que passa o Curso de Audiovisual concorre cada vez mais com a mão-de-obra e a infraestrutura (como, por exemplo, no uso dos equipamentos digitais) destinada às principais ações da ONG, tais como a LIIBRA e o Prêmio Hutúz.

Houve esse momento, em 2007, quando eu fui chamada de novo, que eu acho que o curso estava meio em crise. (...) Eles me pediram “socorre, o curso está com um monte de problemas”. (...) Tinha saído muita gente, tinha havido muita evasão, tinha muita falta de professor, então eu acho que teve um momento meio crítico. Aí, o Celso meu chamou, (...) e eu voltei com a proposta para gente fazer a parceria com a ECO (Ivana Bentes em entrevista concedida à autora, em 16/03/09, grifos meus).

³⁰ Quando coloca como “projeto de guerrilha”, Quak refere-se ao fato de que não havia patrocinador no início da trajetória do CAV. Eu não saberia dizer a partir de qual ano o CAV passou a receber financiamento, pois, como destacou Patrícia Braga, a equipe do Núcleo possui grande rotatividade, o que dificulta a coleta de informações sobre a trajetória do grupo.

³¹ Mais adiante, veremos a parceria CUFA/ ECO-UFRJ com mais profundidade.

Em 2008, ano em que realizei a pesquisa, a proposta foi então formalizada sob o título “Curso de Extensão - Audiovisual CUFA/ECO-UFRJ”. Estabelecida a parceria CUFA/ECO-UFRJ, as aulas do Curso de Audiovisual passaram a acontecer ora no auditório (e teatro) da CUFA Cidade de Deus, ora no Auditório da CPM (Central de Produção Multimídia) e no Laboratório de Multimídia (onde se encontram as ilhas de edição) da ECO, no campus da Praia Vermelha, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro³². De lá para cá, o CAV expandiu seu número de vagas disponíveis, de professores conquistados – ao longo da trajetória do CAV, Diegues trouxe ainda os profissionais Tereza González (considerada por muitos a “madrinha” do CAV), Jorge Durán, Alexandre Ramos e Antônio Venâncio para ministrarem aulas e palestras aos alunos –, bem como ampliou seu acervo de equipamentos e produções audiovisuais; enfim, ganhou visibilidade dentro e fora da CUFA e, conforme Bentes, tornou-se “importante simbolicamente”.

No entanto, dentre as dificuldades enfrentadas, especialmente em virtude da falta de verbas específicas, o CAV conta ainda com o voluntarismo dos professores e palestrantes; situação que, conforme Bentes e Strozenberg enfatizaram durante suas respectivas entrevistas, ameaça a continuidade das aulas e colabora para a evasão de uma parcela considerável da turma ao longo do ano letivo.

Na prática, acaba que isso [o planejamento das aulas] muda muito, que a gente recebe muitas respostas negativas dos professores, é muito complicado para o professor. Eu acho que pelo curso contar com voluntariado. (...) Muitas pessoas não querem o voluntariado, não topam e, até as que topam, “vou quando der” e, aí, claro, surgem mil coisas mais importantes e o “quando der” não chega (Patrícia Braga, idem, grifos meus).

³² Em 2008, a CUFA disponibilizou também outro curso de audiovisual; sendo que este é resultado da parceria CUFA/ Ministério do Turismo/ Prefeitura do Rio de Janeiro. O projeto, chamado “Formação Profissional de Jovens para Inserção Sócio-econômica na Cadeia Produtiva do Turismo”, diferencia-se do Projeto “Ver Favela”, em primeiro lugar, pela sua duração de apenas sete meses e, em segundo, pelos critérios de seleção (o aluno deve ter entre 16 e 29 anos de idade, receber renda menor ou igual a dois salários mínimos e estudar, de preferência, em escola pública). Vale esclarecer que esse projeto não tem qualquer relação com o Curso de Audiovisual promovido pelo Núcleo de Audiovisual da CUFA-CDD.

3.3.

“Ver Favela”: o Curso de Audiovisual 2008

Como citado no início da dissertação, no ano de 2008, a 8ª edição do Curso de Audiovisual da CUFA-CDD fez parte do projeto “Ver Favela”, patrocinado pela BR Petrobrás, através da Lei de Incentivo à Cultura³³; e contou com o apoio da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Com duração de um ano, o CAV 2008 disponibilizou 80 vagas, dentre as quais, 10 destinaram-se aos alunos de graduação em Comunicação Social da ECO. Para eles, o CAV equivaleu à disciplina obrigatória de Laboratório do Curso de Comunicação Social; e para que fosse adquirida a totalidade dos créditos, os alunos precisaram ter frequência regular no Curso, acompanhar e registrar a experiência e, ainda, realizar reuniões e avaliações quinzenais, juntamente com as coordenadoras da parceria, Ivana Bentes e Ilana Strozenberg³⁴.

No início de 2008, a inscrição dos alunos da CUFA foi feita sem qualquer exigência de faixa etária ou escolaridade. Para participar do processo de seleção, bastou o aluno apresentar xérox do documento de identidade e do comprovante de residência, uma foto 3x4 e preencher o formulário de inscrição com seus dados pessoais³⁵ e responder as seguintes questões: (1) O que você sabe sobre audiovisual? (2) Por que você quer fazer o Curso de Audiovisual da CUFA? (3) Possui alguma experiência com a área do audiovisual? Qual? (4) O que você espera obter com o Curso de Audiovisual? (5) Com que frequência você vai ao cinema? A que tipo de filme costuma assistir? (6) Costuma assistir filmes em algum outro lugar além do cinema? (7) Costuma comprar/ alugar/ baixar filmes da internet? (8) Com que frequência você lê? Quantos livros costuma ler por ano?

³³ Em 09/03/2009, dia da formatura da turma, Aline Dias, representante da BR Petrobrás no evento, informou a todos a renovação do patrocínio do Curso de Audiovisual para o ano de 2009, dessa vez, intitulado “Favela – o nosso jeito de ver”.

³⁴ Das 10 vagas destinadas aos alunos da ECO no CAV 2008, somente 6 foram preenchidas e ao final do primeiro semestre, apenas 3 alunos da universidade pública haviam restado. Um destes alunos, inclusive, fez como projeto final de graduação uma revista sobre o Núcleo de Audiovisual da CUFA-CDD.

³⁵ Dados pessoais: (1) nome completo; (2) data de nascimento/ idade; (3) endereço residencial; (4) e-mail; (5) telefones; (6) escolaridade; (7) se estuda atualmente – se sim, o aluno deve informar o curso de graduação e a instituição de ensino. No anexo 6, disponibilizo um formulário de inscrição completo.

Qual o último livro que você leu? (9) Possui acesso à internet? Com que frequência acessa a internet? O que costuma buscar na internet? (10) Qual a sua disponibilidade de horário durante a semana e aos finais de semana, para o Curso e atividades relacionadas ao Curso? (11) Tem interesse em ingressar num estágio não-remunerado no Núcleo de Audiovisual, caso haja vaga disponível?

No ato da inscrição, foi realizada ainda uma entrevista com a coordenadora do Núcleo, Patrícia Braga. Ela explica que a prioridade das vagas é dada aos moradores de favela, especialmente os locais da Cidade de Deus, visto que atender às necessidades da comunidade é um dos objetivos do CAV e, de uma maneira geral, da CUFA-CDD³⁶. Contudo, os dados da avaliação produzida pelos alunos universitários da ECO que frequentaram o CAV – Sara Uchôa, Camila Lamha e Erick Dau – sob orientação de Ivana Bentes e Ilana Strozenberg, coordenadoras da experiência³⁷, apontam que apenas cerca de 31% dos alunos do CAV 2008 são moradores da Cidade de Deus. A maioria restante (69%) reside em diversas favelas e bairros do subúrbio do Rio de Janeiro.

Durante o grupo focal, alunos apontaram duas possíveis razões para esse dado: a primeira seria que a CUFA, mesmo tendo alcançado uma grande “visibilidade midiática”, é pouco divulgada na Cidade de Deus e, como fica no mesmo prédio da Associação de Moradores, muitas pessoas ainda desconhecem a sua existência³⁸; e a segunda, que trabalhar na área audiovisual é uma “realidade muito distante” para os moradores, como se pode apreender da seguinte fala:

O cara que está desempregado, ele não vai querer fazer cinema, ele quer trabalhar, ele quer fazer um curso de informática, ele quer entrar no mercado de trabalho, eu acho que é isso que não impulsiona a pessoa para vir para a CUFA. Cinema é muita elaboração, planejamento, é uma coisa muito maior e aqui a comunidade quer uma coisa mais objetiva, quer trabalhar (Aluno(a) do CAV

³⁶ Além disso, Braga explica que, levando-se em consideração o problema da escassez de verbas específicas que o Curso enfrenta, quando o aluno é morador da CDD, o CAV só precisa se responsabilizar pelo custo das passagens de ida e volta para a ECO-UFRJ. Para os demais alunos, o CAV arca com os custos de passagem para ambos os espaços de aula.

³⁷ A avaliação da parceria CUFA/ ECO-UFRJ – intitulada “Curso de Extensão - Audiovisual CUFA/ ECO-UFRJ: uma experiência de parceria entre a universidade e uma organização sócio-cultural da periferia carioca” – foi produzida no segundo semestre de 2008, a partir da digitalização e análise das fichas de inscrição dos alunos do CAV 2008; cuja turma, na época, totalizava 66 alunos. O material me foi fornecido pela aluna Sara Uchôa, com autorização de Ivana Bentes. Para conferir a avaliação por completo, o leitor deve dirigir-se ao anexo 7 da dissertação.

³⁸ O “leiteiro” CUFA – Espaço Cultural da Cidade de Deus que vimos na foto da fachada da CUFA-CDD, exposta no capítulo 1, foi grafitado recentemente.

2008 e morador(a) da Cidade de Deus).

Outro ponto levado em consideração na seleção dos alunos é o grau de escolaridade: o objetivo principal é atender alunos que não estejam cursando o ensino superior, que no ano de 2008 equivaleram a aproximadamente 69% da turma. Dos 31% restantes, cerca de 21% estudam em faculdade particular e 10% em faculdade pública (sendo 2% na UFRJ)³⁹. No entanto, Braga reforça que ‘o principal quesito é, realmente, a gente ver que aquela pessoa precisa daquele curso’.

O primeiro semestre do CAV 2008, equivalente ao Ciclo Básico do Curso, foi dividido em três módulos: (1) Introdução ao audiovisual (10 aulas); (2) Pré-produção audiovisual (14 aulas); e (3) Pós-produção audiovisual (6 aulas). As aulas teóricas e/ou atividades práticas aconteceram todos os sábados – de 9h às 13h e de 14h às 18h – e totalizaram ao final do semestre 152 horas de aula.

No segundo semestre, os alunos cumpriram o quarto e último módulo do Curso: Iniciação aos projetos (5 aulas). Em seguida, foram divididos – a partir da área de interesse de cada um – em quatro Turmas de Especialização: (1) direção e roteiro (sábado, de 14h às 18h); (2) produção e direção de arte (sábado, de 9h às 13h); (3) direção de fotografia, cinegrafia e captação de áudio (sábado, de 9h às 13h); (4) montagem, edição e finalização de vídeo e áudio (sábado, de 14h às 18h). Assim, os alunos passaram a ter quatro horas de aula por sábado, em vez de oito, e cada grupo assistiu a 13 aulas específicas da área escolhida. Nesta etapa final, puderam então se voltar para os projetos finais de Curso⁴⁰ que, ao todo, totalizaram 11 produções audiovisuais, contadas como hora-aula e avaliadas pela coordenação do Curso. São elas:

³⁹ Este dado pode parecer um tanto alarmante, já que no imaginário social que se constrói sobre os “jovens de periferia” (Novaes, 2006), não se espera que tenham condições, em primeiro lugar, de serem bem sucedidos no concorrido vestibular das universidades públicas; e, em segundo, pois também não se espera que possam arcar com as despesas, cada vez mais altas, de uma faculdade particular. No primeiro caso, é preciso lembrar-se do sistema de cotas raciais vigente até pouco tempo no Rio de Janeiro e recorrer a Jaílson de Souza e Silva (Cf. *“Por que uns e não outros?”: Caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003). No segundo, é necessário esclarecer que uma parcela considerável desses alunos de faculdade particular informou-me que é bolsista integral. Não foi possível, no entanto, aferir a porcentagem exata desses alunos que são bolsistas e os que não são bolsistas.

⁴⁰ O planejamento anual do CAV 2008 me foi fornecido por Patrícia Braga e encontra-se no anexo 8 da dissertação.

- Cinco documentários: *O dia de um feirante* (19 minutos); *Moto Táxi* (7 min.); *Cidade de Deus em foco* (12 min.); *Pé no chão, cabeça não* (27 min.); e *Meninas do MMA* (15 min.) – sendo que dois deles foram gravados durante as atividades práticas do Curso;

- Cinco vídeo-clipes: *Melô do Mototáxi* (4 min.); *Zuera* (5 min.); *Marcas* (6 min.); *Cidade dos Contrastes* (5 min.); e *The Last Kiss* (5 min.);

- Um curta-metragem de ficção chamado *Dia do Folclore* (15 min.)⁴¹.

Os dois semestres, portanto, totalizaram 240 horas de aula. Dentre as atividades extraclasse, estavam o acompanhamento de debates, palestras, fóruns e exposições de filmes realizados pela CUFA e outras instituições⁴²; além, é claro, da participação na gravação dos eventos relacionados à ONG, como vimos anteriormente⁴³.

A Cerimônia de Encerramento do CAV 2008, ou Lançamento dos Filmes dos alunos do CAV 2008, foi realizada em março de 2009 e deu início à Mostra “Ver Favela”: durante quatro dias (de 09 a 12 de março) todos os filmes foram exibidos na G.R.E.S. União do Parque Curicica, na Escola Municipal Silveira Sampaio (também em Curicica), na Escola Municipal Alberto Rangel (na Cidade de Deus) e nas CUFAs Pedra do Sapo, Manguinhos, Viaduto de Madureira e Cidade de Deus⁴⁴.

⁴¹ Como era esperado desde o início da pesquisa, não foi possível fazer uma análise das produções realizadas pela turma, pois entrar em questões estéticas com profundidade implicaria no abandono de alguns pontos cruciais para o objetivo desta pesquisa.

⁴² Dentre as atividades acompanhadas pelos alunos do CAV, realizadas pela própria CUFA, destaque o CineClube CAV Tumulto (realizado durante o primeiro semestre de 2008, o cineclube é resultado da união entre o Curso de Audiovisual e a Cia. de Teatro Tumulto, dirigida por Anderson Quak e sediada na própria CUFA-CDD); o encontro com os candidatos à Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, das eleições de 2008, chamado “Prefeitáveis”; a série de quatro debates, intitulada “Encontros: projeto de mobilização dos jovens das periferias através da LIBBRA 2008”, fruto da parceria da CUFA com o PRONASCI (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania, do Ministério da Justiça); e, fora da CUFA, os alunos compareceram ao Festival Internacional de Linguagens Eletrônicas e ao I Fórum de Mídia Livre, realizado na UFRJ.

⁴³ Como material didático, os alunos receberam apostilas de alguns professores (com suas respectivas matérias) e uma apostila completa sobre audiovisual (produzida em função do outro Curso de Audiovisual mencionado anteriormente), mas que não foi trabalhada por nenhum professor. É importante colocar que, na avaliação da ECO, a questão do material didático é mais um desafio do CAV; até porque não são todos os alunos que têm condições de comprar livros e ir ao cinema. Muitos, inclusive, optam pelo aluguel de DVDs ou pelo *download* de filmes pela internet.

⁴⁴ No anexo 9, disponibilizo o *release* da Mostra “Ver Favela”, entregue no dia da Cerimônia de Encerramento do Curso (ou Lançamento dos Filmes dos alunos), onde o leitor poderá encontrar as sinopses e fichas técnicas dos filmes.

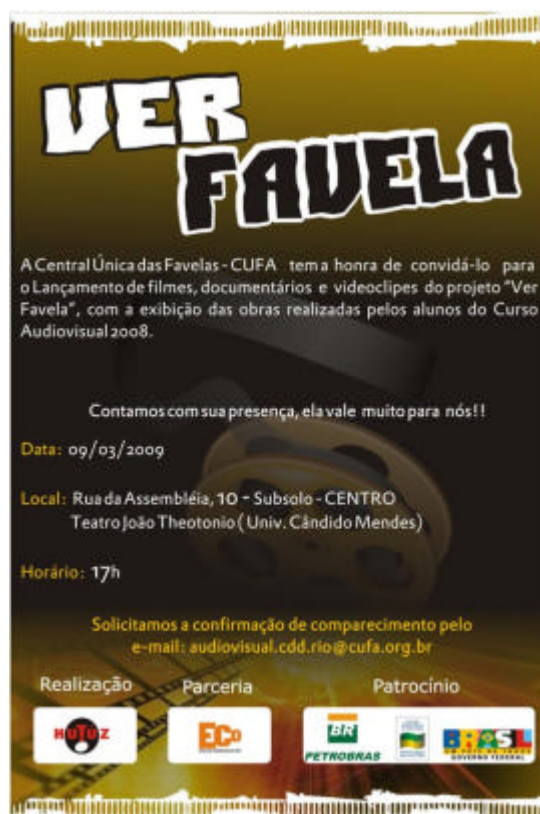


Ilustração 3: filipeta de divulgação do Lançamento dos Filmes dos alunos do CAV 2008

3.4.

A parceria “Audiovisual CUFA / ECO-UFRJ”: trocando valores e metodologias

Visto pelos alunos do CAV (especialmente, pelos que retornaram ao Curso em 2008 e, portanto, podem compará-lo com o ano que passou⁴⁵) como um “reforço de peso”, o apoio da ECO permitiu, dentre outras coisas, que a infraestrutura do CAV fosse ampliada a partir do uso do Auditório da CPM e do Laboratório de Multimídia (que possui cerca de 10 ilhas de edição digital).

Outro ganho importante, segundo Braga, foi a facilidade de acesso dos

⁴⁵ É muito comum o retorno de ex-alunos ao Curso; seja porque alguns não fizeram os dois semestres completos no ano anterior, seja porque desejam refazer as disciplinas e aproveitar os avanços alcançados pelo Curso no ano seguinte. Tereza González também afirma que, para uma parcela de alunos, aquele é o único contato que terão com a área audiovisual.

professores que, em sua maioria, residem na Zona Sul, mesma região da cidade em que se localiza a ECO-UFRJ – e onde “se concentra o maior número de projetos (sociais)” (Novaes, 2006:114). A coordenadora conta que muitas respostas negativas de professores vieram em função da CUFA Cidade de Deus encontrar-se na Zona Oeste da cidade; além, é claro, do fato de ser uma área de risco⁴⁶. Neste sentido, o acesso ao campus da UFRJ, na Praia Vermelha (bairro da Urca), proporcionou não somente o intercâmbio dos alunos da CUFA com os da ECO, mas também permitiu melhor negociação das aulas com os professores voluntários.

A conquista mais recente dessa parceria deu-se a partir do segundo semestre de 2008, quando Braga levou à Bentes e Strozenberg uma demanda dos alunos do CAV 2008: “eles gostariam de frequentar as aulas da ECO”. Em função da quantidade de vagas remanescentes em algumas disciplinas, foram disponibilizadas cerca de 15 vagas em diversas disciplinas da graduação em Comunicação Social da ECO-UFRJ – especialmente da habilitação em Rádio e Televisão⁴⁷ – para os alunos da CUFA ocuparem como ouvintes.

Mais uma vez, na seleção dos candidatos, a prioridade foi dada para os alunos residentes na CDD e que não tinham “a faculdade como horizonte”. Contudo, de acordo com Strozenberg, a procura foi menor do que se esperava, pois, segundo explicaram-me os alunos durante o grupo focal, muitos deles trabalham durante o dia em seus empregos formais e ficaram impossibilitados de candidatar-se às disciplinas oferecidas pela Escola. Para o ano de 2009, está prevista a abertura do Ciclo Básico noturno na ECO, o que possibilitará que alunos que trabalham durante o dia, frequentem as disciplinas disponíveis à noite e vice-versa⁴⁸.

Para que parcerias como essa fossem possíveis, MV Bill explica que foi necessário “quebrar uma barreira preconceituosa”, pois, segundo o *rapper*, não foi sempre que agências governamentais e fundações internacionais investiram dinheiro em projetos desenvolvidos por organizações ligadas às periferias. No

⁴⁶ Muito embora Priscilane Jerônimo, gerente administrativa da CDD, tenha me informado que, por localizar-se numa favela horizontal, a CUFA-CDD é uma das bases de mais fácil acesso no Rio de Janeiro; utilizada, inclusive, como local de visita dos patrocinadores.

⁴⁷ As disciplinas escolhidas foram: Dramaturgia, Fotografia, Cenografia, Figurino e Iluminação.

⁴⁸ Quando se trata dos “jovens de projetos”, Novaes (2006:114) chama atenção para a distinção que deve ser feita entre o “estudante que trabalha” e o “trabalhador que estuda”.

entanto, o esforço foi feito em virtude da ampliação – tanto qualitativa quanto quantitativamente – das ações da ONG.

Parceria está dentro, está vendo o que está acontecendo. É estar acompanhando, é estar próximo. E fazendo dessa forma, nos possibilitou aumentar o número de pessoas em atendimento; foi possível dar mais qualidade ao que a gente estava fazendo e sem descaracterizar e perder o foco do nosso objetivo (MV Bill em entrevista gravada pelo Núcleo de Audiovisual da CUFA, na Cidade de Deus, em 17/09/07, grifos meus).

Dentre os objetivos da ECO que constam na avaliação, destaco: (1) a análise da parceria entre um movimento social e a universidade; (2) o intercâmbio de alunos; e (3) a efetivação do CAV como Curso de Extensão da ECO-UFRJ. Adiantando que os resultados enumerados na avaliação – já expostos anteriormente – foram: (1) alunos da CUFA assistindo aulas na ECO; (2) utilização da infraestrutura da universidade; e (3) a efetivação do Certificado de Curso de Extensão da ECO-UFRJ; podemos dizer que as principais metas da parceria estabelecidas para o ano de 2008, foram concretizadas.

Dessa forma, Bentes e Braga chamam a atenção para o que consideram principal no conjunto das trocas e ganhos alcançados com a parceria: a transferência de valores e metodologias. De um lado:

Quando você coloca o Curso numa parceria com uma universidade, dentro de uma universidade, usando equipamento dentro do campus, você diz: “olha, isso aqui é um espaço público comum e vocês têm todo o direito a ele, isso aqui é de vocês”. Quer dizer, você abre uma perspectiva que o garoto não tem. (...) Eu acho que cria até a demanda: “eu quero entrar nessa universidade, (...) quero entrar no vestibular por cota, o que for, mas eu quero entrar nessa universidade”. Eu acho que cria o desejo. Que é um horizonte que, há décadas, foi negado a esse grupo social. Porque o horizonte dos meninos que vinham da favela era o curso técnico, a profissionalização, o SENAC, que é ótimo, que eu acho maravilhoso, excelente, mas era isso. (...) Ou seja, você não pode desejar ser mais nada. Você não pode desejar ser jornalista, médico, advogado. (...) Isso é uma mudança simbólica radical. (...) São estudantes que passam a frequentar e a se beneficiar de uma estrutura que está lá instalada, universitária, que para entrar nela, você teria que fazer o vestibular, teria que ter o 2º grau completo, enfim... (Bentes, idem, grifos meus).

Conseguir estabelecer de fato esse vínculo, criar a relação entre o Curso e a Universidade, de forma que os dois possam ganhar com isso; para que os nossos alunos experimentem o universo da academia e tenham isso como uma meta. Eu

acho que o fato deles vivenciarem as aulas na ECO tem sido muito positivo no sentido deles começarem a se sentir parte da universidade, de verem como funciona, como acontece. Assim eles saem do universo distante e impossível (Patrícia Braga em entrevista à aluna da ECO, Sara Uchôa, em 11/10/2008, grifos meus).

Neste sentido, ter o certificado carimbado pela Escola de Comunicação da UFRJ⁴⁹, além de possuir, segundo Bentes, uma “valoração simbólica”, auxilia os alunos da CUFA na busca por uma vaga no restrito mercado de trabalho audiovisual. Por outro lado:

As dinâmicas desses movimentos, desses grupos como a CUFA, eles têm coisas a oferecer, em termos de metodologia, à universidade, para uma melhoria, uma mutação da forma de ensino e aprendizado dentro dos cursos de graduação. (...) Que é um curso que você já está vendo aonde pode atuar ou não. Isso é totalmente diferente da faculdade. Isso eu acho que é um avanço em termos de metodologia. (...) Eu acho que isso te dá uma visão muito mais orgânica do campo, das possibilidades de trabalho, uma visão da área mesmo, que eu acho que os nossos estudantes de graduação não têm, e faz falta. (...) E o mais bacana é que a CUFA não tem só o Curso de produção audiovisual, ela tem o festival... Coisa que (...) a ECO não tem. Você acaba de produzir e já está circulando no CCBB, nos festivais, no festival da própria CUFA, já está sendo empurrado para um circuito que te dá uma satisfação mínima, de você falar “poxa, o que eu fiz está sendo visto”... Eu acho que é o que a CUFA traz de vantagem ao curso (Bentes, idem, grifos meus).

Contudo, Patrícia Braga ressalta que existe uma preocupação de que o festival de cinema a que Bentes se refere, o CineCufa, não seja uma vitrine apenas dos filmes da CUFA. A curadoria, portanto – que, no ano de 2008, contou com a própria coordenadora, Anderson Quak, Nega Gizza e outros – privilegiou filmes vinculados a outras ONGs cariocas, além de filmes internacionais. Neste evento, alunos e ex-alunos do Curso de Audiovisual têm a oportunidade de exibir seus filmes, bem como de assistir a outros filmes produzidos por grupos de periferia. Além disso, alguns alunos do CAV têm a oportunidade de estagiar (e trabalhar) na cobertura do evento, colocando em prática a tal metodologia de “alfabetização audiovisual” de que fala Bentes:

O curso de audiovisual não é tão engessado quanto os nossos cursos, não é uma

⁴⁹ No anexo 10, disponibilizo o Certificado de Conclusão de um aluno do CAV 2008.

disciplina, é um curso onde você tem a parte da teoria já junta com a parte da prática, em um ano você aprende desde o teórico até o prático, à produção com essa visão mercadológica (Bentes, idem).

Resumindo, enquanto de um lado, a CUFA – além da ampliação da infraestrutura – avança em termos de democratização do acesso à universidade, reforçando o peso simbólico e mercadológico do diploma dos alunos, de outro, a universidade recicla sua metodologia e se conecta com uma experiência de natureza social. Nas palavras de Bentes:

O que a gente [a universidade] tem? A gente tem institucionalidade, a gente tem o valor simbólico, não é? Isso tudo eu acho que a gente pode transferir, além do conhecimento, além das questões do laboratório [de multimídia] que a gente tem lá instalado, (...) ainda tem essa questão que é a transferência de valor simbólico. (...) A CUFA (...) tem a oferecer para gente metodologia, dinâmica, toda uma série de virtudes, digamos assim, de valor simbólico que nos interessa. (...) Então, eu sempre brinco com o Celso [Athayde]: “Celso, não é você que precisa da UFRJ, a UFRJ também precisa da CUFA. Hoje, talvez você tenha mais capacidade de levantar um patrocínio do que a Escola de Comunicação, porque no início da CUFA, talvez a gente tivesse numa situação mais favorável”. (...) Hoje, a CUFA, pela importância social dos projetos, pelas dinâmicas, e pelo que está implícito aí, em termos de democratização, tem um valor simbólico em pé de igualdade com uma universidade federal. (...) Então são dois valores que se complementam e é, efetivamente, como parceria. A CUFA agrega valor à UFRJ, à Escola de Comunicação. A Escola de Comunicação agrega valor à CUFA (Bentes, idem, grifos meus).

Maria Alice Rezende de Carvalho (2002 e 2007) aponta para o fato de que, no Brasil, as ONGs vêm transformando-se, desde os anos 1980, em “agências intelectuais” que, ao cortarem transversalmente a cidade, conectando diferentes espaços públicos, apostam numa “revitalização das democracias” (2002:325-6); cenário este que converge com a consolidação da legitimidade acadêmica no Brasil. Neste sentido, o crescimento dessas organizações:

...deriva, em larga medida, da capacidade que tem demonstrado de realizar o que a universidade sozinha talvez não viesse cumprindo a contento, a saber, a interação efetiva com atores e problemas sociais contemporâneos. Têm sido elas que vêm conferindo maior mobilidade à agência pública brasileira, desentranhando ‘problemas sociológicos’ de práticas sociais antes invisíveis à academia e mesmo aos atores políticos classicamente recortados (Carvalho, 2007:29).

A autora não quer dizer com isso que a universidade tenha perdido a sua relevância na consolidação do “intelectual público brasileiro”, pelo contrário, a experiência atende à necessidade de se renovar a metodologia segundo a qual a instituição tradicionalmente atua, tornando-a mais coerente com as práticas democráticas da contemporaneidade (Carvalho, 2007:29). É neste sentido que Bentes explica a opção pelo Curso de Extensão como formato para a parceria CUFA / ECO-UFRJ.

*A universidade é corporativa, fechada. Quem está dentro, tem que abrir. Quem está fora, quer entrar. (...) Então (...), me parece que [o Curso de Extensão] é um dos lugares em que a universidade está menos engessada para se abrir para esses projetos de envolvimento social (Bentes, *idem*, grifos meus).*

Sendo assim, Carvalho afirma que quando existe uma parceria entre departamentos universitários e ONGs (ou associações profissionais), unidos no enfrentamento de problemáticas sociais e no desenvolvimento de alternativas para as mesmas, é sintoma de que:

***está-se diante de uma nova formação intelectual, de uma “inteligência coletiva” (Lévy, 1994) que combina, em si mesma, tradição e inovação, em complexa interatividade. Sozinhas, as partes desse novo órgão intelectual seriam, talvez, insuficientes para a finalidade a que se destinam, encontrando, juntas, uma organização contingente que lhes faculta o caminho da representação funcional de interesses que, de outra forma, não seriam avistados quer pelo Estado, quer pelo mercado** (Carvalho, 2007:29, grifos meus).*

Essa união parte do entendimento de que esses grupos, outrora vistos como *objetos* de pesquisas acadêmicas e ações governamentais das mais diversas, ressurgem, a partir do “amplo movimento de organização de ONGs” nas favelas cariocas, como “*sujeitos* do seu próprio conhecimento” e enquanto atores urbanos capazes de alcançar não só reconhecimento nas esferas públicas (Carvalho, 2002:327), mas também uma legítima autoreflexão.

Durante séculos e décadas, a universidade não contribuiu em nada, ou seja, quando fez esse tipo de pesquisa, era tratando essas pessoas (...) como objeto do

seu discurso, (...) mas não como produtoras do próprio conhecimento. (...) Na verdade, você vai lá pra ouvir pessoas de outro grupo social, que produzem conhecimento. Que produzem texto, ou vídeo, que tenham capacidade de produção tão grande, quanto à produção da própria universidade. Por isso que eu entendo essa inversão. (...) Porque a gente está num momento em que esses grupos sociais não só rivalizam na produção do conhecimento, porque eles produzem outro conhecimento que eu não posso ter em relação ao seu local. A CUFA faz pesquisa de opinião. A CUFA faz pesquisa pra saber o que as pessoas acham do 'Caveirão', se querem que o MV Bill seja senador ou não, ou seja, eles estão criando⁵⁰ (Bentes, idem, grifos meus).

O acesso à informação e ao conhecimento por parte desses grupos – para além do vínculo com a cultura hip hop, como vimos no capítulo anterior –, vem produzindo o que Hollanda e Strozenberg definem como “*organic knowledge*” que, sendo acadêmico ou não, vem produzindo uma série de porta-vozes das favelas e periferias ou, conforme as autoras, emergem como “*new organic intellectuals*”⁵¹ (s/d:02-3).

Sem o conhecimento, sempre vai ter alguém que vai falar por nós o que nós não entendemos, sempre vai ter alguém que vai escrever pela gente, porque nós não sabemos, sempre alguém vai falar do nosso projeto porque a gente não sabe falar, sempre alguém vai ter que fazer um filme sobre nós [aponta para a câmera] porque nós não sabemos mexer na câmera. Então, conhecimento é a saída para tudo (Preto Zezé, da CUFA-CE, em depoimento ao vídeo institucional do Seminário de Capacitação CUFA Brasil / II Encontro Nacional, realizado entre 08 e 10 de dezembro de 2006, grifos meus).

A revolução das favelas só vai acontecer quando os favelados estiverem capacitados para essa troca de ideias, troca de diálogos com os outros setores da sociedade, porque na prática a gente já faz uma revolução de sobrevivência, por isso a gente precisa, agora, é saber dialogar, para que a gente consiga trazer mais benefícios para nossa comunidade, para nossa favela (Linha Dura, da CUFA-MT, em depoimento ao vídeo institucional do Seminário de Capacitação CUFA Brasil / II Encontro Nacional, realizado entre 08 e 10 de dezembro de 2006, grifos meus).

Sendo assim, reconhecendo a “autoridade” desses “novos sujeitos do

⁵⁰ Ivana Bentes comentou durante a entrevista que existe a ideia de se criar “núcleos de produção de conhecimento”, onde pesquisadores universitários (da UFRJ) e pesquisadores da CUFA trabalhariam juntos.

⁵¹ Para Antonio Gramsci, “são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção de seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam”. Dentre suas diversas formas de atuação, os intelectuais orgânicos, “no interior da sociedade civil, [trabalham] para construir o consenso em torno do projeto da classe que defendem” (Semeraro, 2006:378).

discurso” ou “intelectuais locais” (Herschmann e Galvão, 2008:206-7), Bentes conclui:

*A partir do momento que a CUFA pode captar patrocínio, pode conseguir uma bolsa na Fundação Ford, diretamente... Quem conseguia isso? As bolsas, os patrocínios? Era o professor universitário, que tinha doutorado, ainda é assim, em grande parte. (...) A questão é que, hoje, eles também são capazes. (...) Eles não são mais “aqueles que precisam ser ajudados, nem representados”. Eles são parceiros. É por isso que eu digo. É parceria. (...) A gente está num pé de igualdade. É claro que em assimetrias, mas eu acho que existe esse mútuo reconhecimento, que eu acho que, aí, quebrou um pouco a resistência [dos grupos de periferia em relação aos acadêmicos]. Eu acho que a resistência foi inicial. Não sei se ela existe ainda, acho que sim. Mas, no início, eram todos os grupos. (...) Não dá mais para tratar como objeto, por parte da universidade, e não dá para estampar, também, e dizer “ah, vocês, estudantes universitários só vem aqui nos explorar”. Acabou essa possibilidade⁵² (Bentes, *idem*, *grifos meus*).*

Por fim, vale a pena observar que na passagem do primeiro para o segundo semestre do CAV 2008 (ou seja, na volta do recesso feito no mês de julho), pude notar uma grande substituição de alunos. Neste cenário, deve-se levar em consideração alguns pontos importantes: (1) qualquer curso – seja promovido por ONGs, seja universitário – está sujeito à evasão de uma parcela de alunos, visto que é natural a desistência e mesmo a preferência por outra área que não a audiovisual (principalmente, por tratar-se de um segmento ainda incipiente no Brasil, quando diz respeito ao mercado de trabalho); (2) segundo Patrícia Braga, o Curso de Audiovisual da CUFA não é como “qualquer curso em que o aluno paga e vai quando quiser”, pelo contrário, determinadas regras devem ser seguidas, principalmente porque trata-se de um curso gratuito. Dessa forma, os alunos que não respeitaram os horários das aulas (chegando atrasados com frequência) e ultrapassaram o limite de faltas estipulado pela coordenação, foram substituídos por outros que estavam numa lista de reservas desde o processo seletivo; (3) os dois pontos acima devem, com efeito, ser ressaltados; no entanto, há que se levar em conta, conforme citado acima, a descontinuidade das aulas provocada pelo fato do Curso ainda contar com professores voluntários.

Neste sentido, é importante destacar que é consenso entre Braga, Bentes e

⁵² Como citado anteriormente, Ivana Bentes atribui a minha fácil aceitação em campo justamente a esse novo cenário, em que “jovens de projetos” e “jovens universitários” podem produzir conhecimento juntos.

Strozenberg a urgência por verbas específicas que possam remunerar minimamente os professores e, enfim, produzir a continuidade de aulas desejada.

Caso contrário, o CAV

vai funcionar [continuar funcionando] como... De uma forma, primeiro, paternalista. Porque os professores que vão, eles vão quando eles têm vontade de ir, porque é legal. “Opa, deixa eu ir ajudar lá, esse projeto social”. Ele não vai como quem vai criar um projeto profissionalizante, ou quem vai contribuir num projeto profissionalizante, como se eles tivessem ido para uma outra Escola de Cinema, eles vão com um outro tipo de atitude. (...) Tem uns que acompanham mais. Esses, até, eu imagino que tenham uma atitude um pouquinho diferente⁵³ (Ilana Strozenberg em entrevista concedida à autora, na ECO-UFRJ, no dia 19/11/2008, grifos meus).

Além dos desafios de caráter qualitativo, Bentes chama atenção para a dificuldade em produzir resultados quantitativos da experiência:

Qual seria o índice máximo de que essa parceria deu certo? Para mim, a possibilidade desse tipo de parceria, movimento social, na verdade, se duplicar, triplicar em outros estados. (...) A gente tem que deixar muito claro que favorece um número pequeno de estudantes, 80 alunos não são muitos. (...) Ou seja, é um projeto piloto que a gente está experimentando. E eu acho que o desafio do curso é a gente se perguntar, agora, como pode ser multiplicado, replicado numa escala maior. Será que o curso tem condição de atender não 80, mas 100, 120, 200, 300? (...) Que aí, realmente, faz uma diferença, não só qualitativa, mas faz uma diferença quantitativa. É claro que eu acho extraordinário que 80 garotos possam ter essa experiência, mas se a gente for pensar em termos de política pública, por exemplo, são poucas pessoas. (...) A gente tem que estar muito consciente disso para não cair no delírio de achar que é uma solução mágica. (...) É um curso novo, (...) e a gente quer, realmente, estabelecer a partir desse projeto piloto, um projeto consistente, que possa ser duplicado. (...) Já que a CUFA existe em quase todos os estados do Brasil, (...) por que não tentar essa experiência com a CUFA do Maranhão, com a Universidade Federal do Maranhão? (...) Então, me preocupa a capacidade de duplicação dessa experiência. (...) Para a gente, realmente, chegar a tentar dar um salto, em que uma experiência muito local, muito pontual, possa ser duplicada. Que eu acho que é o que a CUFA conseguiu com os outros projetos (Bentes, idem, grifos meus).

Em suma, os obstáculos expostos ao longo do capítulo – a falta de verbas específicas, o voluntarismo, a descontinuidade de aulas e a falta de material

⁵³ Strozenberg refere-se a Rafael Dragaud, professor de roteiro, e Tereza González, professora de produção audiovisual.

didático – conforme demonstrarei no capítulo que se segue, não significam, absolutamente, que a experiência tenha produzido poucos resultados. No entanto, é desafio da “inteligência coletiva” estudar de que maneira esses ganhos podem ser magnificados⁵⁴.

⁵⁴ Em 2009, foi reafirmada a parceria CUFA/ ECO-UFRJ e o Curso – desta vez, intitulado “CAV 2009: Favela – o nosso jeito de ver” – sofreu algumas mudanças: divididos em três turmas, serão atendidos além de adultos, crianças de 7 a 11 anos, e adolescentes de 12 a 17 anos. Vale a pena conferir.